

Páscoa

A *TÉ ao último dia, o Evangelho manterá o Mundo em tensão. Trata-se da vida, de conquistar a Vida. A quem não repugna a morte? A morte concebida como fim último! Para que vale ao Homem ganhar o Mundo, se não houver depois?! Nem o Filho do Homem, o Único «criado na Justiça e santidade verdadeiras», foi isento desta tensão: «Agora, a minha alma está perturbada. E que hei-de dizer? Pai, salva-Me desta hora?...» É, porventura, dos mais impressionantes documentos da inserção do Filho de Deus na Humanidade, da Sua identificação plena com os homens que vem salvar. Ele mesmo, Autor da Vida, estremece diante da morte, ao chegar a Sua hora! Mas a vontade do Pai é soberana. E Jesus «aprendeu do que sofreu o que é obedecer»: «Pai, glorifica o Teu Nome».*

Ora o Evangelho é claro na dicotomia vida-Vida. A vida é sempre um bem para amar. Deus que no-la deu, também a ama. Tanto que nos deu Seu Filho para nos ensinar os segredos do amor! Um amor que não é cego, mas potência que nos capacita para ver longe, que nos treina para vermos o infinito.

Contenta-se o astrónomo em encontrar no espaço o que já foi visto? Antes, não intenta incessantemente, descobrir novos corpos celestes? Eis um exemplo da dignidade da vida; e tantos lhes poderiam juntar os que se consagram à investigação! O progresso — não houve até um Papa que lhe chamou «o novo nome da Paz»?!

Meta é o que está para além de e não pode deixar de atrair o Homem, ele próprio nascido com uma dimensão que o faz tender para o infinito. A Vida é a meta da vida. Ora «aqueles que correm no estádio, todos correm, mas só um receberá o prémio». Não

Continua na página 4



Tão linda a Casa do Gaiato de Miranda do Corvo! — berço da Obra da Rua.

TRIBUNA DE COIMBRA

Festa das festas

QUANDO as nossas aldeias eram mais pequeninas e estavam «protegidas» dos lampejos invisíveis dos satélites, a vida dos homens era muito mais calma e bela. O ciclo das estações, solene e soberano, marcava o ritmo e suscitava obediência sem

constrangimento. As festas assinalavam momentos inolvidáveis em que a Natureza, mostrando toda a sua capacidade geradora, atraía o homem a si, quase de forma nupcial, para a festa da vida.

Se, na Primavera, o olhar enamorado pelas planuras verdejantes e onduladas,

adivinhava a mesa farta de pão, ainda em flor. Se, no Inverno, a neve alpendurada nos píncaros, atraía ao aconchego e à ternura familiar.

A Páscoa dos povos é um desses momentos de maior repercussão íntima e colectiva. E a Judaica, bem como a Cristã, têm um historial

que ultrapassa a simples compreensão humana. Impregnadas de um ritual empolgante, são as liturgias — a melhor forma de entrar com toda a alma no seu profundo mistério.

A Páscoa, festa das festas dos povos, traz à memória uma simbologia rica de conteúdos e de expressões históricas variadas que perduram na alma do Povo pelo tempo fora.

É o Povo crente, se não o teólogo, esse grande liturgista da festa pascal.

Quão belo subir as serranias, de alma possuída pelo ardor da vida pascal, colher rosmaninho e alecrim, atapear as ruas e enfeitar os pórticos... Dar voz à Natureza! Que ela grite, que os homens já não são capazes. Perderam a capacidade de se encantar e de acolher a vida.

Como admiro alguns dos nossos quando passam nos jardins... onde há alfazema e alecrim. Ali se detêm, atraídos. É o seu perfume, o voo mágico das abelhas, as flores, e colhem... É gente de alma lavada; gente que ainda não perdeu a capacidade de se encantar. Estão preparados para ouvir falar da Páscoa. E diz-la, também.

Padre João



Uma sanzala de deslocados

20/02/2000

Perdemos a voz

SÓ não compreendo a razão do grande comício no centro dos bairros de deslocados. Carros e carros acarretaram, para lá, as gentes da cidade. Uma multidão!

Muitos dos habitantes dos ditos foram às matas fazer o carvão. É deste que sobrevivem. Alguns chegaram no final e, poisando o saco, bateram palmas e deram vivas... Tão fácil bater palmas!

A quê? A quem? O porquê? Ninguém se interroga.

Perdemos a voz.

Malanje

07/03/2000

Corrupção e imoralidade

SEMPRE que venho a Luanda me apercebo da corrida às discotecas, às farras, ao prazer e ao álcool.

Os irmãos que sofrem?

Não dá para pensar...!

Farrar e farrar! É a lei do mundo. O Evangelho informa uma minoria. Que Profeta será capaz de atravessar a cidade pregando aos luandenses a cinza e o saco? Valente seria! E, pelos vistos, não chegaria ao fim.

O Evangelho magoa e perturba. Porém, é muito urgente que os cristãos gritem bem alto contra a corrupção e a imoralidade instaladas.

Continua na página 4

Festas

Setúbal

A nossa Festa aí está com a força dos rapazes. Têm sido fins-de-semana a fio totalmente preenchidos pelos ensaios, de manhã à noite.

A Casa do Gaiato tem uma dívida para cada rapaz: Fazer dele um homem — se ele quiser.

A frase e o pensamento são originais do Padre Américo, mas o conteúdo, com a própria carga do compromisso, é assumido por cada Padre, pelas senhoras e pelos rapazes em cada Casa e cada caso. Desde o princípio do dia, ao último em que o rapaz nos pertence.

Numa altura em que se viu contestado e também perseguido, o Padre Américo desabafou n' O GAIATO: «Não somos uma fábrica de apilarar meninos. Não cultivamos as aparências; um homem faz-se por dentro. Toda a hipocrisia é repelida com nojo». E também: «Jamais alguém pense fazer homens de rapazes domados». É esta verdade da vida real que irá aparecer diante dos vossos olhos e dos vossos corações.

Padre Acílio

29 de Abril — 21.30 h, Sociedade de Instrução Musical da QUINTA DO ANJO.

6 de Maio — 21.30 h, Grupo Popular Recreativo Cabanense, CABANAS.

Continua na página 4

Pelas CASAS DO GAIATO

Conferência de Paço de Sousa

POBRES — Quase não vem dia ao mundo sem acudirmos a Pobres, doentes, especialmente nos encargos materiais de medicamentos.

Há muitos deles cujas pensões sociais nem dão para a alimentação, quanto mais para o receituário d'alívio ou cura de seus males.

Hoje, quem deu o mote foi um leitor, do Porto, que aparece frequentemente com donativos para a *farmácia dos Pobres*. Também uma citação do Santo Padre, em recente alocução, convidando os cristãos, no caso vertente uma congregação religiosa ao serviço dos hospitais, a contemplarem activamente o rosto do Senhor Jesus nos enfermos com «um maior e mais penetrante espírito de fé». Pediu, ainda, que se cultive o espírito de serviço ao Próximo e se aproximem dos doentes «em espírito de pobreza, com a única riqueza de Deus a quem vos consagrastes» — disse.

Entretanto, aliviámos a bolsa e a alma duma divorciada que sofreu anos de pancadaria, de martírio. Não tinha agora quê p'ra ir à botica comprar os remédios que lhe amenizam a doença — corolário do seu calvário.

A outro, separado da mulher e filhos, são a irmã e o sobrinho que deitam a mão às consequências dum acidente vascular cerebral. Está acamado. De conta dos nossos leitores tem: fraldas, uma algália, adequada alimentação, a necessária terapêutica que o médico receitou.

Para além doutros doentes poderíamos lembrar uma tuberculosa, também. Em 24 de Março foi celebrado o *Dia Mundial da Luta Contra a Tuberculose*. Infelizmente, somos o País da União Europeia com a taxa mais elevada. Cerca de 5.000 novos casos em

1999. Veio a público também que a incidência da tuberculose multi-resistente é mais expressiva nos distritos do Porto, Lisboa e Setúbal.

Se fôssemos mais adiante, ao que a gente vê e ouve, os números são assustadores a nível mundial. Que o diga a instituição *Mãos Unidas — Padre Damião*: «Hoje, morre uma pessoa em cada 10 segundos. Oito mil, por dia. Três milhões de tuberculosos por ano!»

PARTILHA — Nisa: a assinante 4576 com «o resto da assinatura. É pouco, mas tapará um buraco, que são muitos entre os Pobres».

Do Porto, o assinante 19148 traz «pequeno óbolo penitencial que gostaria fosse aplicado para reduzir o sempre deficitário saldo da 'farmácia dos Pobres'. Uma espécie de amêndoas curativas!»

S. Domingos de Rana: a assinante 14802 salda contas d'O GAIATO «e o restante será para a Conferência distribuir como entender. Gostaria de mandar mais. Porém, a saúde anda muito abalada pelos meus 80 anos e a pensão não dá para mais».

Assinante 56094, de Queluz: «Juntamente com a minha família envio cinquenta e três contos: para O GAIATO, para outros sectores da vossa Obra e, também, para a Conferência do Santíssimo Nome de Jesus».

Assinante 31104, de Lisboa, com a oferta mensal sublinhando: «Este mês vai um pouco atrasada, mas o interesse continua vivo enquanto me for possível. Que Deus se digne aceitar estas dadas por alma dos meus entes queridos».

Presenças da mesma família: «Uma 'gotinha' das assinantes 47307 e 49610, pequena renúncia nesta Quaresma jubilar». Uma semana depois: «Através da assinante 47307, dez mil, em memória duma senhora da Moitalina, oferta do viúvo».

Dez contos, da assinante 32925, Guarda, «por uma intenção particular. Agradeço o anonimato». Cumprimos.

Assinante 1121, Vila Nova de Gaia, idem, «para o que for mais preciso».

Idem, de Fiães, a assinante 31254, com «a mensalidade de Abril para a Conferência do Santíssimo Nome de Jesus. Agradeço o anonimato», disse. Foi cumprido.

«Avó dos cinco netinhos», de Setúbal, «com a habitual pequena lembrança e todo o amor e carinho. É referente a Março. Deus me ajude a não esquecer os vossos Pobres».

Ponte de Sor: o assinante 59467 com «pequena migalha para o que entenderem por conveniente, destinada a qualquer irmão necessitado».

Assinante 14493, do Porto, com «pequena ajuda referente a Março, e a amizade de sempre».

Retribuímos os votos de santa Páscoa.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

O nosso endereço: Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, a/c do Jornal O GAIATO, 4560 -373 Paço de Sousa.

Júlio Mendes

PAÇO DE SOUSA

VISITANTES — Provenientes de vários locais, sobretudo do Norte do País, continuamos a receber muitos visitantes, especialmente estudantes.

Um grupo de Catequese participou connosco na Missa dominical. Após o almoço fizeram uma linda representação no salão de festas. À tarde, ofereceram uma merenda à Comunidade. Eram de Sobrado (Valongo). Muito obrigados.

OUTRO CHEFE — A casa 3, de cima, tem um novo responsável — o *Vitinho*. Agora, temos orgulho de mostrar a nossa casa aos visitantes. É um progresso para a nossa gente, ou não fôssemos uma Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes.

VACARIA — Abatemos um boi para a Festa da Páscoa. Nós somos à volta de 180 bicos...! Todos gostam de comer carne dos nossos animais porque é boa, muito boa.

No entanto, as vacas ainda dão bastante leite. E os porcos estão gordinhos.

COZINHEIROS — A malta da cozinha tem tudo muito limpo. A equipa foi mudada. O João e o David procuram ser limpos e fazer um bom tacho para todos nós.

SERRALHEIROS — O chefe e os aprendizes da serralaria executaram um bom portão para a garagem. Af está uma obra importante para os motoristas e os próprios veículos.

HORTA — Já plantaram o cebolo. Quando estiver maduro, a cebola é uma riqueza para as nossas refeições.

A alface está a ficar grandinha e é necessária para fazermos saladas.

RETALHOS DE VIDA

O «Pigmeu»

O meu nome completo: Santos Gonçalves Cambuta. Apelido: «Pigmeu». Sou natural de Malanje. Nasci aos 5 de Novembro de 1983. Tenho, portanto, 16 anos.

Vivia com a minha irmã porque os meus pais morreram nesta guerra causadora de todo o mal. Ela, depois, meteu-se nas bebidas alcoólicas e destruiu-se completamente!

Por isso, vim para a Casa do Gaiato de Malanje onde fui muito bem recebido.

Quando for grande quero ser médico.

«Pigmeu»



FUTEBOL — Os mais pequenos jogaram com o Futebol Clube Cerco do Porto. Ganhámos por 6-5.

O Clube Atlético de Rio Tinto empatou connosco por 5-5.

No encontro com o Sport Progresso — histórico Clube da Associação do Porto — perdemos por 9-4. É uma colectividade com um bom futebol e uma equipa que respeita, e bem, o seu adversário.

«Melão» e Filipe David

MIRANDA DO CORVO

DESPORTO — Conseguimos adaptar o campo de ténis para os mais pequenos jogarem futebol. Esta modalidade é a que os rapazes mais apreciam. Há muito tempo que não temos quem nos venha defrontar para jogarmos à bola. Gostávamos que viessem.

GADO — Deram-nos quatro ovelhas. Três vieram da nossa Casa do Gaiato do Tojal. É muito bom para todos! Gostamos muito dos animais. Uma das porcas está para dar à luz. Esperamos que o parto corra bem. Temos patos, galinhas e vacas.

PÁSSAROS — As rolas já deram filhos. Estão a chocar outra vez. Os periquitos deram crias. Não temos a certeza de quantos são porque não conseguimos ver os ninhos.

AULAS — O segundo período está a terminar. Uns tiveram melhores notas do que outros. É preciso mais esforço da parte de todos.

PÁSCOA — Aproxima-se a Páscoa. Desejamos a todas as famílias uma Páscoa feliz, principalmente à nossa — que é uma família com muitas crianças e jovens.

OBRAS — Por agora as obras estão mais calmas. Já gastámos muito dinheiro nelas. Mas andamos a fazer as calçadas da estrumeira e da horta. Nós também ajudamos os calceteiros com o nosso trabalho. Fica mais barato. Depois de prontas irão mostrar o esforço de todos.

AGRICULTURA — Semeámos a batata. Também plantámos cebola e couve. E semeámos uma terra de milho. Limpámos os nossos olivais da terra dos grilos que estavam envelhecidos. Temos agora muita lenha boa para as nossas lareiras. Os nossos Invernos têm sido muito frios!

José Carlos

Associação dos Antigos Gaiatos de Lisboa

CONVOCATÓRIA — Ao abrigo do art.º 13.º do projecto dos Estatutos da Associação dos Antigos Gaiatos de Lisboa, são convocados os residentes nesta área geográfica para uma reunião, no próximo dia 30 de Abril, às 10 h, na Casa do Gaiato de Santo Antão do Tojal (Loures), com a seguinte ordem de trabalhos:

1. a) Esclarecimentos;
b) Apresentação de contas.
2. Eleição dos novos Corpos Sociais.

Nota — É necessária a tua presença, no teu interesse e no da própria Associação, para que conheças melhor os problemas no seu dia-a-dia, e possas tomar parte activa nos Corpos Sociais. Aparece e forma a tua lista. Contamos contigo.

O Presidente da Assembleia Geral,
Nuno Augusto Silva

Associação da Comunidade «O Gaiato» de Setúbal

CONVOCATÓRIA — Após longa ausência, escrevo mais uma vez.

Temos os nossos afazeres e o tempo para a Associação é o que habitualmente reservamos para descanso e lazer.

No dia 10 de Junho, às 10 horas, em Assembleia Geral, vamos submeter-nos à apreciação dos sócios da Associação, também eles gaiatos.

Conforme o estipulado nos Estatutos, os interessados poderão apresentar as suas listas para os órgãos sociais no plenário acima indicado.

As ditas listas deverão ser entregues até 31 de Maio próximo, pelo correio, endereçadas ao presidente da Assembleia Geral — Avenida da Independência das Colónias, 8A, 2900-406 Setúbal.

A tua presença é muito importante, não só pelas eleições como também pelo Relatório e Contas do ano transacto, que será analisado pela massa associativa.

Contamos com a tua colaboração.

Fernando Pinto

LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — Quem lida com contas, sabe muito bem que estes dois primeiros meses do ano são para fazer contas à vida.

Ainda há pouco se ouvia falar, nos órgãos de comunicação social, e especialmente na TV, em milhões para a esquerda, milhões para a direita!... Então e as acções?... Como é?... Ou será que, apesar desses milhões todos, continuarão a manter as assistentes sociais fechadas nos seus gabinetes, a fazer estatísticas e onde é preciso tirar uma ficha para se poder falar com a pessoa que se deseja?!...

Ainda há pouco se escrevia, numa das nossas crónicas, a preocupação de uma amiga que visitámos, carenciada de uma casa decente, da Câmara. Quanta dificuldade ela sente para sair de casa! Quanta necessidade tem ela de ser visitada por essas senhoras que, afinal, tiraram os seus cursos para isso mesmo!

E não serviriam, também, essas visitas para controlar melhor os dinheiros que são distribuídos, como rendimento mínimo garantido, e para que as tais estatísticas sejam mais verdadeiras!...

No que nos toca, embora nos preocupemos com a falta de meios quando vamos visitar os Pobres, temos presente o que

O Mundo que havemos de construir

Chegou a hora de falar a verdade que o ser de cada um de nós esconde no sorriso, no olhar, no corpo...

Depois será tarde

Que o mundo vai adormecer.

Seu dom de alegria constante será Primavera no mundo que havemos de construir sem invejas, sem conflitos quaisquer.

Apenas um abraço de ternura fará brilhar o sol do nosso mundo ao amanhecer.

Orlando

SAÍMOS de Casa e parámos a primeira vez em cidade antiga e histórica. Dirigimo-nos às antigas muralhas que foram a moldura do alto da Cidade e procurámos as velhas casernas militares que, quando as conhecemos, nos deixaram fraca impressão, e lá continuam em duas longas filas, em dois andares, com um cobertor a servir de porta e por dentro com as paredes escuras e bastante húmidas e a luz é só a que entra pela abertura quando está aberta, casernas todas habitadas e sem condições para isso.

As ruas estreitas e em calçada antiga, já com muitas pedras levantadas, ocupadas pelos habitantes à espera que as horas passem. Vivem das modestas reformas ou daquilo que lhes dão. Não se notam reacções para melhor, nem iniciativa de mudança de vida.

RETOMAMOS a estrada, carregados com o peso daquele abandono, e seguimos para outra cidade, também histórica.

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Longa caminhada pelo Alto Alentejo

Esperava-nos um amigo que, já reformado, dedica a sua vida ao bem dos Outros, em muitas obras de bem-fazer e conhece muito bem o viver daquela gente. Com ele dirigimo-nos ao bairro onde agora vivem os que habitavam as antigas muralhas do castelo. Habitações improvisadas e sem condições algumas, onde não é possível entrar ninguém estranho. A Câmara Municipal está a aproveitar as paredes e adaptá-las para fins de serviço público.

O bairro é um grande amontoado de barracas feitas dos mais diversos materiais, sem alinhamento e também ele impedido a visitas estranhas. Nem acompanhados pela Polícia se pode entrar.

COM a carga daquele viver subimos ao centro da cidade, pela mãe de quatro filhos que pediu a nossa atenção. Vivem numa casa estreita, só com a porta de entrada onde fazem cozinha, lugar de dormir e o resto da vida que lhes é possível: «As minhas meninas mais velhas, de seis e sete anos, tenho de as ter internadas numa casa de meninas, pois, nesta casinha, não cabem e eu gostava muito de as ter connosco».

O homem com quem vive agora, pai dos dois filhos mais novos, não é o verdadeiro marido. O marido juntou-se a outra família e não quis mais saber.

Partimos dali com a má impressão que já

tínhamos, do problema urgente da habitação na zona antiga da cidade.

DE REGRESSO, passámos por uma vilazinha, visitando o bairro do Património dos Pobres. Foi construído há quarenta anos, conserva as paredes branquinhas, toda a habitação bem cuidada. Alguns habitantes são da primeira ocupação. A comissão que olha pela conservação das casas pareceu-nos muito cuidadosa e consciente. Ficámos bem impressionados e o nosso grande desejo é que todas as moradias construídas para famílias pobres traduzam o amor que as construiu.

Padre Horácio

O bairro é um grande amontoado de barracas feitas dos mais diversos materiais



ENCONTROS EM LISBOA

Problemas humanos

HÁ tempos, aconteceu-me ir a um bairro bastante degradado da nossa Cidade em busca de um miúdo para o qual me pediram apoio. O miúdo tinha doze anos de idade e muito mais de escola da vida, apesar de mal saber escrever o seu nome. No meio de toda a conversa também falámos de Padres. Perante a pergunta, se conhecia algum, ao fim de um tempo respondeu-me que conhecia o da telenovela.

Um outro dado que tenho observado nos nossos rapazes refere-se à sua prática religiosa ou de actos religiosos. Enquanto no País as estatísticas dizem que

cerca de oitenta ou noventa por cento das pessoas são baptizadas, os nossos rapazes chegam-nos a oitenta ou noventa por cento sem serem baptizados.

Estes dois factos parecem-me significativos da ausência da Igreja em certos meios sócio-culturais do nosso País.

Estamos em pleno Ano Jubilar. Creio que se está a apostar seriamente nas componentes litúrgicas deste Jubileu com todas as movimentações onde abundam as peregrinações e concentrações de pessoas. Há templos e espaços para essas peregrinações. Não sei porquê, mas sinto a falta de actos e palavras proféticas, sinais visíveis que

marquem o passar do tempo neste ano de graça e de gratuidade. Parece-me que as zonas periféricas ficarão periféricas sem gestos capazes de se lhe estender a mão e de trazer essas zonas periféricas para o nosso quotidiano, ou, melhor ainda, para a nossa consciência de crentes que apregoamos uma sociedade solidária.

Apetecia-me propor duas coisas. Vários locais de peregrinação, tantos como os bairros de lata e de habitação degradada das nossas cidades, onde as vidas humanas, amadas por Deus, se degradam sem esperança à vista. Fazermos uma via-sacra em cada paróquia passando pelos locais em que fomos revelados e postos diante dos nossos olhos, ao vivo, os problemas humanos existentes.

Com efeito, nota-se que em séculos passados, a Igreja estava presente nos locais onde o homem sofria, surgindo assim quer as Misericórdias, quer as Conferências de S. Vicente de Paulo, quer muitas outras instituições que apostaram na solução dos problemas que degradam o homem. Hoje, sente-se uma enorme ausência da Igreja em problemas como a sida ou a toxicoddependência, a exclusão da escolaridade, os mundos da prostituição, a intoxicação com as publicidades enganosas, etc.

Será que o Ano Jubilar vai passar e os cristãos se ficam pelos passos sonoros e ritmados de muitas e alegres movimentações? Será que no Ano Jubilar, os corações dos cristãos continuam fechados ao apelo da Graça no dom gratuito das suas vidas em favor dos irmãos?

SAIBAMOS REPARTIR O PÃO — De M.M., vale de dez mil escudos.

Conferência de S. Francisco de Assis — R. D. João IV, 682 — 4000-299 Porto.

Casal vicentino

Padre Manuel Cristóvão

Pai Américo deixou escrito no *Pão dos Pobres*: «O visitante do Pobre, se, às vezes, diz como, nunca diz quanto gasta».

Pois assim é connosco. Temos dado notícias dos que visitamos, das suas necessidades, das suas preocupações, etc. Porém, nunca dissemos quanto gastamos, nem a isso fazemos contas.

Quando temos, damos. Quando não temos, levamos apenas uma palavra de conforto e de amor para eles.

Daf a nossa preocupação quando vos alertamos, pois, quando visitamos os Pobres, somos portadores de dádivas e mensagens de carinho.

Também não é da nossa vontade quando publicamos o que recebemos, mas compreendemos que aqueles que dão, querem ter a certeza de que a sua ajuda foi recebida e distribuída.

Como diz Pai Américo: «Como, está bem. Quanto, não».

Não é que tenhamos medo ou vergonha de quanto damos. Mas, como dizem as Sagradas Escrituras, «o que a direita dá, que a esquerda não veja».

A nossa maneira de ser vicentino é, em primeiro lugar, levar uma palavra de Fé e de Esperança aos doentes e idosos. Mas, ao constatar as suas necessidades, tentamos suprimi-las com a vossa ajuda. Até porque não faz sentido uma coisa sem a outra.

Como seguidores, que tentamos ser, de Pai Américo, a nossa doutrina não podia ser outra.

Quantas vezes o invocamos, aquando das nossas dificuldades, em visitas por onde ele tantas vezes andou!...

Temos a certeza que nos tem escutado. Não fora isso, ou

seja, a sua protecção, já teríamos fraquejado em nossas dificuldades.

É este, portanto, mais um ano que chegou. E, com ele, chega também a esperança de que tudo será melhor, especialmente no que respeita à espiritualidade e bondade dos nossos corações.

Deixemos, pois, os milhões para trás e lembremos que o amor é a força mais poderosa que o mundo possui. Sobretudo o amor ao Próximo. Mas não nos esqueçamos que é neste amor que está, também, a força da humildade.

DOCTRINA



O Evangelho é terrível!...

CHEGOU a Paço de Sousa o primeiro *comboio* de roupas e mantimentos — oferta dos habitantes do Porto. Hoje, como dantes, eles são capazes de comer tripas e dar a carne aos mais! Depois do *comboio*, já se recebeu mais um pacote, da Granja; e mais outro, de agures.

NA Igreja de Cedofeita teve lugar o primeiro apelo a favor das Casas do Gaiato, nomeadamente, da do Porto. Foi um acontecimento. Ninguém esperava. Muitos acharam naquela hora e naquele dia o seu precioso coração! Nunca haviam dado fé, até ali, da grandeza da Criança abandonada — e tantas vezes passavam rentinhos a elas! Agora, não. Depois do que se ouviu e sentiu, hão-de bater no peito, de arrependidos: uns, por nunca terem feito nada; outros, com pena de fazerem pouco, podendo ter feito mais.

O Evangelho é terrível! Corta, qual diamante. Abre fendas. Faz tremer. É a Palavra do Amor. A assistência levantou-se toda em peso, a todas as Missas para dizer que amava. Deram tudo quanto havia nas algebeiras e, alguns, foram a casa por mais — um desmaio geral! *Stupebant omnes!* (...) Bendito seja Deus!

PADRE X, da cidade do Porto, dizem-me que V. tem medo de mim e da Obra da Rua, não vá tentar-se e vir para ela. Tema, sim, por não se decidir já! *Time Jesum traseuntem!* Corte, meu Padre. Deixe a barca mai-las redes. Venha buscar o «denário, o cento por um» — a Vida eterna! Corte laços de interesse. Corte laços de sangue. Venha amanhã à igreja da Trindade, à Missa das onze, das doze e das treze. Venha ver com os seus olhos Jesus Nazareno que passa! Apaixone-se, bom Padre! Sobre as cinzas do Mundo. Limpe dos púlpitos as teias de aranha. Viva e faça viver.

P.S. — Parece que é já no dia 24 deste, que se vai falar da Casa do Gaiato no Teatro S. João. Espera-se a fina flor. Se ele é verdade que a «Revolução deve continuar enquanto houver uma casa sem pão» — que dizer dela enquanto houver uma Criança sem casa?!

O. Américo!

(Do livro *Pão dos Pobres* — 4.º vol. — Campanha de 1943 a 1944)

SETÚBAL

Falta de Mãe para o Lar

PELA cultura em que nascemos e nos formámos, somos, muitas vezes, levados a julgar a realidade de forma facetada, incompleta. Assim acontece com a maternidade e a paternidade.

Normalmente só os progenitores são considerados pai e mãe. A verdade, porém, é que há, muito frequentemente, progenitores que não são pais.

O nosso povo, na sua intuitiva sabedoria, expressava esta observação de forma rude, pouco polida, mas evidente: «o parir é dor e o criar é amor!»

As ciências da psique, ou seja, da intimidade humana, vêm revelar-nos que uma criança deve ser desejada antes da sua procriação e amada logo que apareça no seio materno. Isto vem alertar-nos de que o coração deve funcionar antes do aparecimento do filho e nunca mais pode parar a sua actividade. Assim, antes da geração há muito que se implantou no íntimo do homem a maternidade e a paternidade.

Com esta urgente falta de Mãe para o Lar, muitas vezes se me foge o pensamento e o sentimento para este assunto. Uma Casa do Gaiato não é sem Pai e Mãe. Às 19,30 h rezamos o Terço no refeitório, em nossa Casa. A esta hora vinha eu de viagem, na velha camioneta, não me lembro de fazer o

quê. Esforço-me sempre para estar com os rapazes nestes momentos sublimes. Como não podia, e para me unir espiritualmente a eles, convidei o meu companheiro já de vinte e tantos anos: — Vamos rezar o Terço? Neste momento, lá em Casa, os nossos, reuniram-se para rezar.

Comecei. Por hábito, ou por respeito, o rapaz rezava baixo; mal o ouvia. Éramos dois. Fazíamos um coro. Ele o primeiro e eu o segundo, no mesmo tom. Pelo apreço que a oração e o rapaz me mereciam, fiz sozinho os dois coros. O primeiro e o segundo. De alto. Com toda a alma. Com a camioneta nas mãos e aos saltos que a sua antiguidade provocavam, a oração com força entrava melhor em mim próprio, que bem preciso.

De repente, dou comigo a pensar num erro (?) da Avé Maria: Bendito é o fruto do Vosso Ventre — Jesus.

O Senhor antes de ser fruto do ventre da Virgem Mãe foi produto do seu coração e dele nunca saiu. Os sagrados corações de Jesus e de Maria ainda hoje e por toda a eternidade permanecem unidos, e um dentro do outro.

Pareceu-me que devia rezar antes: Bendito é o fruto do vosso coração — Jesus.

Nestas circunstâncias e nesta oração eu vi toda a amplidão da maternidade numa Casa do Gaiato. As nossas senhoras geram no

coração. Os laços que as prendem aos seus filhos são muito mais fortes e persistentes do que o cordão umbilical.

Quando os rapazes chegam, acarinham-nos mais proximamente durante um certo tempo. Quando estão doentes na cama ou sofrem qualquer aleijão é a elas que se chegam.

Nunca recebemos os pequenos da rua de enxurrada — isto é, muitos ao mesmo tempo — para haver oportunidade a este enlevamento individual, íntimo, marcante e, tantas vezes, decisivo.

Também eu os junto à minha mesa, na sala de jantar, os sirvo, e lhes faculto um à-vontade especial no trato para facilitar este entrosamento mútuo, necessário e tão proveitoso!

Que não me levem a mal os teólogos e os místicos. Também não aprendi estas verdades na Escola ou as bebi nos livros. Vieram da vida que o Senhor me deu!... E da grande dificuldade que atravesso.

É para os políticos e os agentes sociais o conceito de solidariedade, voluntariado e outros parecidos. O específico dos cristãos é a caridade: *dar a vida*. Não tenhamos medo da palavra nem do pejorativo que a certas mentes pode estar sujeita. Façamos caridade. Deus é Amor. A caridade vence tudo.

Padre Acílio

Malanje

Continuação da página 1

08/03/2000

Dia Internacional da Mulher

PRÓPRIO para meditarmos na sua dignidade, seus direitos e deveres. Meditação bem precisa e urgente, nesta sociedade, como noutras, onde a mulher é presa fácil dos instintos sem freio desde os 14 anos.

Que futuro para uma sociedade com crianças a terem filhos?!

Jonas não queria ir dizer aos Ninivitas... Mas o Senhor disse: «Vai». E ele foi.

Deus não quer que nos percamos — mas a nossa conversão para sermos salvos.

Padre Telmo

Páscoa

Continuação da página 1

assim no plano de Deus: Todos os que correm, recebem o seu prémio. E «os que correm no estádio, é em vista de uma coroa corruptível». No plano de Deus, «a glória é incorrupta». E «os que correm

no estádio» quanto esforço, a quanta **abstinência** se sujeitam para alcançar o pódio. Aqui sim, acontece o mesmo no plano divino: Ele não dispensa da luta, do sacrifício inerente a toda a preparação de um bem («Quem quer festa,

sua-lhe a testa» — diz o Povo que é voz de Deus!) — mais, quando esse bem é a Eternidade feliz!

Deus ama a vida e quer que o Homem ame a vida. E amá-la é, justamente, dar-lhe o valor real que ela é: transitória em função da perene; «tempo favorável», «dias da salvação». Ela é instrumento e não o objecto acabado que Deus projectou para ser realizado por cada um dos

homens. Esse acabamento coincide exactamente com a ultrapassagem da meta a que chamamos morte; quando cada homem atingiu a plenitude da medida que Deus lhe atribuiu de ser outro Cristo. «A vida não acaba, apenas se transforma», reza a Liturgia; e a morte é, apenas, traço de união com a Vida. Idênticas são, pois, a Páscoa de Jesus Cristo e a nossa páscoa, quando o amor da vida nos não cegou para a Vida. Esta cegueira, sim, é a perdição. Vivemos, aqui e agora, como se não fôramos seres destinados a uma páscoa; como se a morte fosse

termo e não um trânsito — isso, sim, é perder a vida. E perdendo-a, como se pode alcançar a Vida?!

O amor é inteligente e no coração de cada homem está inscrita a Verdade. Tantos a deixam soterrar, como ao longo da História foi acontecendo a muitos sinais de civilizações passadas. Mas quando alguma

escavação as põs de novo à luz — quantos interesses se não congregam e movem para os conservar!

Que a graça desta Páscoa seja para todos os homens esta descoberta de uma ciência urgente que poderia chamar-se a Arqueologia do Coração.

Padre Carlos

PENSAMENTO

Se não fosse a Dor, não haveria no Mundo quem soubesse amar!

PAI AMÉRICO

Festas

Continuação da página 1

Setúbal

27 de Maio — 21.30 h, PINHAL NOVO.

8 de Julho — 21.30 h, Luísa Todí, SETÚBAL.

Lisboa

Estamos de volta à estrada. Vamos começar as nossas Festas. Este ano, por causa do Jubileu, tem sido difícil fazer marcações. As paróquias estão ocupadas com muitas actividades e, faz parte da nossa maneira de ser não querer criar colisões com outras actividades... Alguma coisa já se conseguiu e aqui estão algumas datas já conseguidas.

Padre Manuel Cristóvão

29 de Abril — 21.30 h, Salão da Casa do Gaiato em SANTO ANTÃO DO TOJAL.

7 de Maio — 15.30 h, Salão dos Bombeiros Voluntários de TORRES VEDRAS.

14 de Maio — 15.30 h, Salão Paroquial de FORTE DA CASA.

20 de Maio — 15.30 h, Cine-Teatro de LOURES.

28 de Maio — 15.30, Salão da Igreja do Sagrado Coração de Jesus em LISBOA.

4 de Junho — 15.30 h, Salão da Igreja de RIO DE MOURO.

BENGUELA

Trincheira da paz

O flagelo da guerra não pára. Daí, a preocupação primeira: Trabalhar pela paz. Quando nos perguntam como vai a nossa vida, a resposta sai imediata: — Estamos a lutar na trincheira da paz.

Fiquei impressionado com a reacção dum meu pequeno, quando, num destes dias, ao subir uma pequena montanha, um pouco mais afastada do povoado, começou a chorar com medo e dizia: — *Vamo-nos embora para casa!* Era o medo da guerra. Estas crianças, no geral, estão marcadas pela guerra. O pequeno chegou, há pouco tempo, a nossa Casa.

A Igreja, em Angola, pela voz dos seus Bispos, levantou, uma vez mais, forte clamor contra a guerra, a favor da paz. A Igreja não pode calar-se enquanto a paz não chegar. «Cumprir a sua missão evangelizadora é trabalhar pela paz.» Mesmo na guerra de Angola? — perguntam. «As destruições, as desgraças, os males causados pela guerra civil de Angola são de tal grandeza que não permitem considerá-la legítima. Por isso mesmo, a Igreja insiste que, se não houve possi-

bilidade de evitar o começo da guerra, seja, agora, procurada a possibilidade urgente de lhe pôr fim. São tais os sofrimentos causados ao povo pelas atrocidades desta guerra que nenhuma consciência recta a pode aceitar.»

Os Bispos falam do desespero dum Povo. Citam as palavras do Salmista, aplicando-as à situação do povo de Angola: «*Massacram-nos todos os dias. Somos considerados como ovelhas para o matadouro...*» Tão lancinante grito, saído dos lábios do Salmista, há 25 séculos, expressa os sentimentos dos angolanos que, diariamente, são condenados à morte, massacrados, desde os mais venerandos anciãos às mais tenras crianças, como inocentes cordeiros levados ao matadouro». São palavras textuais da carta pastoral dos Bispos de Angola. Eles vivem no meio do Povo. Quem pode e deve ser a voz mais credível do povo sem força para clamar, que a voz da Igreja?

A palavra dos Bispos vai mais longe e fala de genocídio angolano: «*Na verdade, há 25 anos que o sangue de irmãos vem sendo derramado por*

irmãos, no sagrado solo da nossa Pátria. São 25 anos de história manchada com sangue. Sangue de irmãos, derramado por irmãos! Em termos de duração, um dos mais longos genocídios da África contemporânea. Além de Deus, a própria História se encarregará de escarpelar as culpas deste genocídio; e não poupará os seus verdadeiros autores, que vão deixar, na sombra, muitos criminosos do passado. Até quando, irmãos, até quando?»

A voz da Igreja não se fica na denúncia. É profética: Denuncia e anuncia caminhos novos. Sem a participação activa do Povo verdadeiro; se a voz do Povo, aqui e agora, não for ouvida — a paz não vem. «*Aquilo que a todos diz respeito, por todos deve ser tratado. Se o Povo não foi ouvido para a guerra começar, seja agora ouvido para ela acabar. Nas lágrimas dos que choram, nos gemidos de todos os que sofrem as consequências da guerra, não podemos deixar de ouvir o grito dum Povo que pede lhe seja restituída, quanto antes, a paz a que tem direito.*»

E mais disseram os Bispos de Angola. Escrevo na semana da Paixão de Jesus Cristo. É real. A Paixão está viva no Povo de Angola. Ajudemo-lo a chegar à Páscoa. Demo-nos as mãos para tirar o grande pedregulho da porta da entrada do túmulo.

Santa Páscoa para todos!

Padre Manuel António